

FRANCISCA JÚLIA: A LIRA PARNASIANA E A ALQUIMIA DO SOFRIMENTO NA POESIA BRASILEIRA

MARTINS, Rodrigo Nóbrega

<https://orcid.org/0000-0001-8930-610X>

EEMTI Estado da Bahia

1 INTRODUÇÃO

Francisca Júlia da Silva Münster (1871-1920) representa uma das figuras mais singulares e trágicas da literatura brasileira do final do século XIX e início do século XX. Nascida em Xiririca, atual Eldorado, no Vale do Ribeira paulista, a poetisa vivenciou, desde a juventude, uma série de adversidades que marcariam profundamente sua sensibilidade poética e sua visão de mundo.

Dentre tantas destas, podem-se citar a perda prematura de familiares próximos, as extremas e constantes dificuldades financeiras e os problemas de saúde que a acometeram ao longo da vida configuraram um quadro existencial de permanente e profundo sofrimento. Casada em verdes anos com o farmacêutico Filadelfo Edmundo Münster, Francisca Júlia enfrentou a viuvez precoce, experiência que determinou de forma definitiva o rumo de sua vida.

Considerada a principal representante feminina do Parnasianismo brasileiro, foi alçada, ainda em vida, à condição de mais importante poetisa da língua portuguesa de seu tempo, segundo Fortes (2021). Sua principal obra, "Mármores" (1895), estabeleceu novos patamares de excelência formal na poesia brasileira, recebendo elogios de nomes como Olavo Bilac, João Ribeiro e Machado de Assis.

Noutro sentido, o isolamento geográfico e social, agravado pelas convenções de uma sociedade que ainda relegava a mulher intelectual a uma posição marginal, contribuiu para que a poetisa desenvolvesse uma personalidade introspectiva e uma poesia de rara intensidade emocional. Seus últimos anos foram marcados por crescentes dificuldades psíquicas, culminando com seu falecimento em 1920, aos 49 anos, deixando uma obra poética que, embora numericamente modesta, revela extraordinária qualidade artística.

2 FRANCISCA JÚLIA: PRECOCIDADE, RARIDADE, PRECONCEITO E SIGNIFICÂNCIA

Consoante os estudos clássicos de Ramos (1961), Francisca Júlia iniciou sua trajetória literária já aos 14 anos, publicando seus primeiros sonetos no jornal *O*

Estado de São Paulo. Sua colaboração, sem demora, expandiu-se para publicações como *Correio Paulistano*, *Diário Popular* e, no Rio de Janeiro, nas prestigiadas revistas *O Álbum*, de Artur Azevedo, e *A Semana*, de Valentim Magalhães.

No entanto, sua estreia literária foi marcada por intenso preconceito de gênero. Quando publicou o soneto "Musa Impassível" na revista *A Semana*, em 9 de setembro de 1893, provocou um alvoroço entre os redatores. O crítico literário João Ribeiro, incrédulo de que uma mulher pudesse produzir versos de tal perfeição formal, atribuiu inicialmente a autoria a Raimundo Correia, utilizando-se do pseudônimo Maria Azevedo para atacar o suposto mistificador, segundo aponta Fleiuss *apud* Fortes (2021).

Apenas após carta esclarecedora de seu irmão, Júlio César da Silva, enviada a Max Fleiuss, a verdadeira autoria foi reconhecida. Ironicamente, João Ribeiro tornou-se um dos maiores entusiastas de sua obra, prefaciando *Mármores* e ombreando-a à "trindade parnasiana" composta por Olavo Bilac, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira, como defende Ribeiro (1895) *apud* Fortes (2021).

Desfeito o mal-entendido, permaneceu o preconceito. Segundo Camargos (2007, p. 93), outros críticos contemporâneos, como Severiano de Rezende, chegaram a sugerir-lhe: "Minha senhora, há ocupações mais úteis: dedique-se aos trabalhos de agulha".

Dum ou doutro modo, a essência da produção poética de Francisca Júlia, concentrada principalmente nas coletâneas "Mármores" (1895) e "Livro da Infância" (1899), enquadrava-se no Parnasianismo brasileiro, movimento que buscava a perfeição formal e a objetividade artística com absoluta excelência. Conforme observa Bosi (2006), o Parnasianismo nacional, diferentemente de seu correlato francês, manteve uma tensão constante entre o rigor formal e a expressividade emocional, característica que se manifesta de forma exemplar na obra de Francisca Júlia.

A singularidade da poetisa ora em comento reside, pois, precisamente na capacidade de conciliar o ideal estético parnasiano com uma subjetividade feminina até então raramente expressa na literatura brasileira. Como destaca Muzart (2000), Francisca Júlia soube apropriar-se dos códigos poéticos masculinos de sua época para articular uma voz poética genuinamente feminina, processo que resultou em uma obra de notável originalidade no panorama literário nacional.

A poesia de Francisca Júlia caracteriza-se pela perfeição técnica, evidenciada no domínio das formas fixas, particularmente do soneto, e pela riqueza das imagens plásticas, que revelam sua formação artística e sua sensibilidade estética refinada. Segundo Coelho (1993), a poetisa desenvolveu uma dicção poética singular, marcada pela sobriedade expressiva e pela contenção emocional, características que conferem aos seus versos uma dignidade clássica raramente encontrada na poesia feminina de sua época.

Tematicamente, a obra de Francisca Júlia articula-se em torno de alguns núcleos centrais: a contemplação da natureza, transformada em objeto de meditação estética; a reflexão sobre a condição feminina, expressa por meio de máscaras líricas que preservam o decoro social exigido de uma mulher de sua classe e a elaboração poética do sofrimento existencial, sublimado por meio da criação artística. O soneto "Musa Impassível", considerado sua obra-prima, exemplifica magistralmente a síntese entre rigor formal e intensidade emocional que caracteriza sua poesia: "Musa! Um gesto sequer de dor ou de ânsia / Nem o sobrecenho da cólera franzas: / Por sobre a máscara da tua face / A neutra luz da indiferença dança" (SILVA, 2025).

Estes versos revelam a concepção estética da poetisa, que via na contenção emocional e na máscara da impassibilidade os instrumentos privilegiados para a expressão da dor humana. Uma característica distintiva da poesia de Francisca Júlia é sua extraordinária capacidade de criação de imagens visuais, resultado de sua formação artística e de sua sensibilidade plástica. Conforme analisa Hollanda (1994), a poetisa desenvolveu uma técnica poética baseada na "escultura verbal", processo por meio do qual as palavras adquirem materialidade e plasticidade, transformando-se em verdadeiras esculturas linguísticas.

O conceito de escultura verbal, embora não tenha sido explicitamente formulado pela própria autora, emerge naturalmente da análise de sua produção poética, especialmente de sua obra inaugural: "Mármores" em 1895. O título mesmo do livro revela a consciência metalinguística de Francisca Júlia acerca de seu projeto estético: os poemas são mármores, matéria escultórica que resiste ao tempo, que possui densidade e solidez.

A escultura verbal desenvolvida por Francisca Júlia caracteriza-se pela capacidade de conferir às palavras uma tridimensionalidade que remete à

experiência sensorial da escultura. Seus versos não apenas descrevem objetos ou cenas; eles se tornam, em si mesmos, objetos dotados de presença física. Essa técnica manifesta-se em diversos níveis da composição poética.

Escritora dotada de milimétrica acuidade, Francisca Júlia manifesta-se na escolha vocabular precisa, na construção imagética que privilegia elementos visuais e táteis, e na arquitetura rigorosa dos versos. A poetisa domina com maestria o soneto, forma fixa que, em suas mãos, transforma-se em moldura perfeita para suas esculturas verbais.

Em poemas como "Dança de Centauras", "Vênus" e "Os Argonautas", observa-se a capacidade de criar cenas que se assemelham a baixos-relevos ou a figuras esculpidas em vasos gregos. A descrição não se limita ao visual; há uma evocação da tridimensionalidade, do volume, da textura do mármore. As palavras adquirem peso, densidade, permanência.

Muricy (1922), em seu ensaio sobre Francisca Júlia, publicado em no seu livro, "O Suave Convívio", destacou a capacidade da poetisa de criar verdadeiros "monumentos verbais". O conceito de "musa impassível", que batizou um dos mais célebres sonetos de Francisca Júlia, está intimamente ligado à técnica da escultura verbal. A impassibilidade não é apenas temática ou emocional; ela é, fundamentalmente, uma escolha estética que privilegia a permanência, a solidez, a resistência ao tempo – qualidades da escultura em mármore.

Esta dimensão plástica manifesta-se particularmente nos poemas dedicados à representação de objetos artísticos, gênero no qual Francisca Júlia demonstrou maestria singular. Seus sonetos sobre esculturas e pinturas revelam não apenas conhecimento técnico das artes visuais, mas também uma capacidade excepcional de traduzir em linguagem poética as qualidades específicas de cada arte.

3 A SIGNIFICÂNCIA NO CONTEXTO LITERÁRIO BRASILEIRO

Embora numericamente rarefeita, a obra de Francisca Júlia ocupa posição de singular relevância no contexto da literatura brasileira por várias e fundamentais razões. Em primeiro lugar, representa um marco na afirmação da voz poética feminina no cenário literário nacional, antecipando questões que só seriam plenamente desenvolvidas pelas gerações posteriores de escritoras.

Como observa Telles (1992), Francisca Júlia foi uma das primeiras poetisas brasileiras a conseguir conciliar a excelência técnica com a expressão de uma sensibilidade genuinamente feminina, estabelecendo um paradigma que influenciaria decisivamente o desenvolvimento da poesia feminina no Brasil.

No contexto específico do Parnasianismo brasileiro, a obra de Francisca Júlia representa uma contribuição singular pela capacidade de humanizar o ideal estético parnasiano sem comprometer sua pureza formal. Enquanto muitos poetas parnasianos brasileiros oscilavam e debatiam-se entre o academicismo árido e o sentimentalismo romântico tardio, já que este, desde algum tempo, já havia entrado para os anais da história, Francisca Júlia soube encontrar um ponto de equilíbrio que conferiu à sua poesia uma qualidade artística excepcional.

Segundo Cândido (2000), a poetisa conseguiu realizar plenamente o ideal parnasiano de fusão entre forma e conteúdo, criando uma poesia na qual a perfeição técnica serve como veículo para a expressão de uma autêntica experiência humana.

Entretanto, muito devido às estruturas de gênero predominantes na época, o reconhecimento da importância de Francisca Júlia na literatura brasileira foi um processo gradual, marcado inicialmente pelo preconceito que caracterizava a crítica literária. Somente nas últimas décadas do século XX, com o desenvolvimento dos estudos de gênero e a reavaliação crítica da participação feminina na literatura brasileira, a obra da poetisa passou a receber a atenção devida.

Críticos contemporâneos como Gotlib (2003) e Xavier (1998) têm, sobremaneira, destacado a importância de Francisca Júlia como precursora de uma tradição poética feminina no Brasil, tradição que encontraria continuidade em poetisas como Cecília Meireles, Henrique Lisboa e Hilda Hilst.

A aparente modéstia quantitativa da obra de Francisca Júlia não deve obscurecer sua extraordinária qualidade artística. Como observa Moisés (2001), a literatura brasileira oferece vários exemplos de autores cuja importância não se mede pela extensão de sua produção, mas pela intensidade e originalidade de sua contribuição artística.

No caso específico de Francisca Júlia, a concentração de sua produção poética em algumas dezenas de poemas de alta qualidade artística resultou numa obra de singular densidade estética, na qual cada composição representa uma conquista

artística específica e uma contribuição original para o desenvolvimento da poesia brasileira.

4 UMA VIDA EXTREMAMENTE SOFRIDA

Postula Ramos (1961) que, paradoxalmente, no auge da consagração, em 1906, por razões nunca esclarecidas, Francisca Júlia abandonou abruptamente a vida pública em São Paulo e retirou-se para Cabreúva, onde sua mãe exercia o magistério. Passou a dedicar-se aos serviços domésticos e a lecionar piano para crianças da região. Pereira Neto (2013) sugere que esse afastamento radical pode indicar um primeiro momento de crise existencial ou psicológica.

Em Cabreúva, envolveu-se com um farmacêutico recém-formado, mas o romance não prosperou por, provavelmente, desinteresse mútuo. Em carta a sua amiga e confidente, Francisca Júlia comenta que quase se apaixonou. No ano de 1908 retorna para São Paulo. Pouco tempo depois é remanejada e inicia seus trabalhos magisteriais na escola da estação do Lajeado, atual distrito de Guaianases. É onde conheceria o futuro esposo.

Ramos (1961) informa que em 22 de fevereiro de 1909, Francisca Júlia casou-se com Filadelfo Edmundo Münster (1865-1920), telegrafista da Estação do Lajeado na Estrada de Ferro Central do Brasil. Aparentemente, o relacionamento proporcionou alguma estabilidade à poetisa. Nesse período, Francisca Júlia passou a explorar temas místicos, religiosos e espiritualistas, interessando-se por vida após a morte, reencarnação e sistemas filosófico-religiosos orientais, particularmente o budismo. Esta mudança temática pode refletir uma busca por respostas existenciais para seu sofrimento interior.

Conforme relato de Moura (*apud* ARTCULTURALBRASIL, 2009), posteriormente "correu a notícia de que a poetisa havia tentado o suicídio, por questões sentimentais, tendo para este fim se utilizado de um frasco de álcool". A informação, no entanto, não tem comprovação. Carece de documentação mais robusta, embora seja consistente com o padrão de comportamento autodestrutivo e sofrimento psicológico que marcaria os anos finais da poetisa.

O quadro de Francisca Júlia agravou-se drasticamente em 1916, quando Filadelfo foi diagnosticado com tuberculose. A poetisa "mergulhou numa depressão profunda, dizendo ter visões, que estava prestes a morrer e tinha alucinações

provenientes da intoxicação do ácido úrico" (RAMOS, 1961, p. 22). Em entrevista a Correia Junior, publicada na revista *A Época* em 16 de dezembro de 1916, confessou: "Há ocasiões que de repente saio da vida real e entro no sonho" e, em tom premonitório, declarou que sua "vida encurta-se hora a hora" (CAMARGOS, 2007, p. 85).

Filadelfo Edmundo Münster, após demorado tratamento, faleceu de tuberculose em 31 de outubro de 1920. Segundo Ramos (1961, p. 22), Francisca Júlia, mesmo antes do passamento do consorte, declarara aos amigos, que "sua vida não teria mais sentido sem a companhia do marido". Igualmente declarava que "jamais poria o véu de viúva".

Ocorre que horas depois ao do falecimento do marido, Francisca Júlia morre, por suicídio, causado por excesso de narcóticos. As circunstâncias exatas de sua morte permanecem envoltas em controvérsias. O atestado de óbito registra hemorragia cerebral, enquanto notícias do *Correio Paulistano* à época sugeriram traumatismo craniano, possivelmente indicando um tiro na cabeça, segundo aponta Camargos (CAMARGOS, 2007, p. 89). O Estado de São Paulo divulgou a versão de que teria falecido sobre o caixão do esposo ao despedir-se dele.

A existência de versões tão díspares deve-se ao fato de que uma rede de boatos cobriu o passamento da poetisa. A imprensa da época, por sua vez, não tinha tantos recursos e a substância do que noticiava advinha dos depoimentos que colhia, parciais, apaixonados e tantas vezes eivados inverdades sensacionalistas.

Entretanto, conforme documentado por Ramos (1961) junto a testemunhas oculares, "horas depois do cortejo, no dia seguinte, Francisca Júlia foi para o quarto repousar e suicidou-se, ao ingerir excessiva dose de narcóticos, falecendo na manhã de 1 de novembro de 1920". Esta versão, confirmada por Camargos (2007) e Pereira Neto (2013), é tida como oficial, sobretudo pela consistência que encerra quando contraposta às demais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória de Francisca Júlia da Silva exemplifica a distância entre a persona literária e a experiência vivida. Celebrada como a "Musa Impassível", expressão extraída de seu poema mais famoso, a poetisa vivenciou, na realidade, uma

existência marcada por intenso sofrimento psicológico, depressão, possível dependência química e, finalmente, morte autoinfligida.

A escritora "enfrentou um sistema social pautado nos valores patriarcais e no silenciamento feminino", alcançando reconhecimento literário singular para uma mulher de seu tempo, mas pagando um preço psicológico devastador. Seu suicídio, ocorrido um dia após a morte do esposo, representa não apenas o fim de uma vida individual, mas também um testemunho eloquente das limitações e sofrimentos impostos às mulheres intelectuais no Brasil da virada do século XX.

No contexto da literatura brasileira, Francisca Júlia ocupa um lugar único como pioneira da expressão poética feminina e como artista capaz de realizar plenamente o ideal estético parnasiano. Sua poesia, marcada pela contenção formal e pela intensidade emocional, representa uma conquista artística de valor permanente, que continua a influenciar e inspirar as gerações contemporâneas de poetas.

Francisca Júlia da Silva desenvolveu uma técnica poética singular no contexto do Parnasianismo brasileiro. Por meio da escultura verbal, processo pelo qual as palavras adquirem materialidade, plasticidade e permanência, a poetisa transformou a linguagem em matéria escultórica, criando poemas que funcionam como verdadeiros monumentos literários.

A redescoberta crítica de sua obra nas últimas décadas confirma a intuição dos leitores mais sensíveis de sua época, que souberam reconhecer na poesia de Francisca Júlia uma voz poética de excepcional qualidade artística. Sua contribuição para a literatura brasileira, embora numericamente modesta, revela-se qualitativamente fundamental para a compreensão do desenvolvimento da poesia nacional e da participação feminina na construção de nossa tradição literária.

Essa técnica, reconhecida por críticos de sua época e confirmada por estudos posteriores, distingue Francisca Júlia entre os parnasianos brasileiros e a estabelece como a mais perfeita realizadora dos ideais desse movimento estético. Sua obra, embora relativamente concisa, representa o ponto mais alto da poesia parnasiana no Brasil, demonstrando que o "talento para a escultura verbal não tinha gênero", como apropriadamente observa a crítica contemporânea.

A permanência de sua poesia, a resistência ao tempo de seus versos marmóreos, confirma o sucesso de seu projeto estético: criar, por meio das palavras,

esculturas verbais dotadas da mesma beleza, solidez e perenidade das obras clássicas que a inspiraram.

A posteridade honrou sua memória com a magistral escultura "Musa Impassível", de Victor Brecheret, erguida em 1933 sobre seu túmulo e, desde 2006, exposta na Pinacoteca do Estado de São Paulo (CAMARGOS, 2007). No centenário de sua morte, em 2020, múltiplas homenagens acadêmicas reafirmaram a importância de sua contribuição literária. Resta, contudo, o desafio de compreender integralmente não apenas sua obra, mas também a dimensão humana e trágica de sua existência.

Referências

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAMARGOS, Márcia. **Musa Impassível**: a poetisa Francisca Júlia no cinzel de Victor Brecheret. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 9. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras**. São Paulo: Escrituras, 1993.

FORTES, Roberto. **Francisca Júlia, a musa impassível**. O Vale do Ribeira, 1 nov. 2020. Disponível em: <https://www.ovaledoribeira.com.br/2020/11/francisca-julia-musa-impassivel.html>. Acesso em: 21 nov. 2025.

FORTES, Roberto. **Há 150 anos nascia a poetisa Francisca Júlia**. O Vale do Ribeira, 31 ago. 2021. Disponível em: <https://www.ovaledoribeira.com.br/2021/08/nascia-poetisa-francisca-julia.html>. Acesso em: 21 nov. 2025.

ARTCULTURALBRASIL. **Francisca Júlia**, 2009. Disponível em: <http://artculturalbrasil.blogspot.com/2009/02/francisca-julia.html>. Acesso em: 11 jun. 2024.

GOTLIB, Nádia Battella. A literatura feita por mulheres no Brasil. In: BRANDÃO, Izabel et al. (Org.). **Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura**. Florianópolis: Mulheres, 2003.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**: Realismo e Parnasianismo. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

MURICY, Andrade. Francisca Júlia. In: **O Suave convívio**: ensaios críticos. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1922.

MUZART, Zahidé Lupinacci. **Escritoras brasileiras do século XIX**. Florianópolis: Mulheres, 2000.

PEREIRA NETO, João Vicente. **Oscilações líricas de uma musa impassível: itinerário poético de Francisca Júlia no sistema literário brasileiro.** 2013. 139 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília,

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva (Org.). **Poesias de Francisca Júlia.** São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1961.

SILVA, Francisca Júlia da. **Musa impassível.** Escritas.org, [S.l.], [20--]. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/12342/musa-impassivel>. Acesso em: 26 nov. 2025.

TELLES, Norma. **Escritoras, escritas, escrituras.** In: DEL PRIORE, Mary (Org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1992.

XAVIER, Elódia. **Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino.** Rio de Janeiro: Record, 1998.